

Um olhar jornalístico sobre a Interdisciplinaridade: memórias e relato

Luiza Oliva¹

Dirigida a educadores, especialmente professores, coordenadores pedagógicos e gestores da Educação Básica, a revista **Direcional Educador** foca seu conteúdo na publicação de artigos assinados. Alguns números são temáticos e, seguindo essa linha, em 2010 construímos diversas edições focadas nas práticas de ensino e na aprendizagem de disciplinas, como a Matemática, a Geografia, a Educação Física, a Arte, as Ciências. O tema prosseguiu em 2011, com a Filosofia e a História. Ainda em 2010, Maria Dolores Fortes Alves, colaboradora com artigos publicados pela revista, fez uma excelente sugestão: uma entrevista com Ivani Fazenda seria importante para fechar o ciclo dessas edições. Como participante do GEPI, Dolores percebeu que a entrevista com Ivani seria um excelente meio de iniciar a discussão sobre a indisciplinaridade na revista e, conseqüentemente, entre nossos educadores leitores.

Confesso que entrevistar Ivani Fazenda tratava-se de um antigo “sonho de consumo” meu e da revista. Daqueles nomes sempre presentes em minha lista de futuros entrevistados. Desde 2005 conhecia o trabalho reconhecido da educadora no campo da interdisciplinaridade, quando publicamos, ainda na edição 08, seu artigo *A teoria fecunda e a prática difícil da interdisciplinaridade*. Na época, ano inicial de publicação da **Direcional Educador**, meu contato com Ivani foi bem restrito e o sonho de entrevistá-la reacendeu através do palpite de Dolores. Ivani seria certamente receptiva à ideia, garantiu-me Dolores. Nosso primeiro contato foi realmente profícuo: Ivani, aberta e atenciosa, convidou-me para comparecer à aula do GEPI, na PUC. Lá teríamos como conversar e produzir a entrevista, garantiu-me. Imaginei que assistiria a uma parte da aula e depois realizaríamos a entrevista, somente eu e Ivani. Afinal, este é o modelo tradicional de realização de uma entrevista no formato pergunta e resposta: geralmente, elas nascem de encontros presenciais entre o jornalista e o entrevistado, que chegam a durar uma, duas horas, ou até mais tempo, conforme o tema e a disponibilidade do entrevistado. Mas, em tempos modernos, muitas vezes nos deparamos com a distância geográfica, ou mesmo a falta de tempo na agenda do interlocutor, e diversas entrevistas são geradas pela internet, com o envio de perguntas e o recebimento das respostas garantido pela agilidade e eficiência da internet.

Cheguei à PUC no dia marcado com um misto de saudosismo e ansiedade. Já havia estado no Prédio Novo, há alguns anos, para realizar outra entrevista para a **Direcional Educador** – com a professora Neide Noffs, da Faculdade de Educação. Mas a ida à PUC novamente me fez reviver meus tempos de estudante de

¹ Jornalista, formada pela PUC-SP, editora da revista **Direcional Educador** e autora do livro **Encontros com Educadores – 50 Entrevistas publicadas pela revista Direcional Educador** (Grupo Direcional). Contato: e-mail: luizaoliva@gmail.com

Jornalismo no início dos anos 1980 – quando o Prédio Novo me recebia para as aulas do ciclo básico, com aquela energia típica dos calouros, e o “puxadinho” das salas do Jornalismo era o cenário para a produção de minhas primeiras reportagens, inspiradas pelo talento de mestres como Perseu Abramo e Luiz Egypto.

Subia e descia as rampas do Prédio Novo enquanto procurava – já com certo nervosismo – a tal sala 4-05 ala A. O amigo João Beauclair – aluno do GEPI -, me salvou da longa procura e, guiando-me pelos amplos espaços do prédio, finalmente cheguei à sala de aula procurada. A fotógrafa Rita Barreto, já lá estava em busca de boas fotos e me questionou: afinal, vamos assistir à aula? Venci a inibição e bati à porta, sendo simpaticamente recebida por Ivani. Pronto, quebrado o gelo inicial, lá estava eu, novamente em uma sala de aula do Prédio Novo da PUC, tantos anos depois. Mas, certamente, só iria ouvir e uma entrevista formal com a educadora estaria garantida após a aula, imaginei. O tempo me mostrou que eu estava absolutamente enganada. Com Ivani sempre puxando o fio da meada, os participantes seguiam contando histórias de vida, histórias de alunos e de projetos, e Ivani entrecortando-as com pontuações teóricas, porém sempre com o foco no real.

Eu percebi o quanto a interdisciplinaridade está incutida no cerne daquele grupo. Grupo, aliás, heterogêneo, como jamais imaginava encontrar. Esperava educadores no sentido formal da palavra, professores enfim, mas encontrei médico, advogada, engenheiro, um grupo ímpar, onde talvez o ponto em comum seja a busca pelo autoconhecimento, por serem pessoas melhores, ajudando outros seres humanos a serem pessoas melhores nos cenários educacionais. Percebi então que a discussão sobre a interdisciplinaridade que acontece no GEPI passa longe de apenas mesclar disciplinas do currículo escolar, mas envolve a busca de se reconhecer, reconhecer o outro e que caminhos buscamos para isso. Nas palavras de Ivani que me marcaram aquele dia: “Na interdisciplinaridade é importante ser breve, curto e saber quando parar. Senão, hoje eu estaria aqui monopolizando a nossa conversa.”

Mais do que um espaço de discussões teóricas, senti no GEPI a busca por uma prática melhor na educação, de pessoas emocionadas pelo que fazem, e que procuram fazer com sentido. Ou como disse Ivani: “Como a interdisciplinaridade pode ajudar toda escola a ser **aquela** escola.” Percebi que era ali a hora de construir minha entrevista. E que aquela seria realmente uma entrevista única, nada formal, mas que eu teria que construí-la com várias vozes e relatos. Não foi fácil, confesso. Mas as histórias que ouvi foram essenciais para me ajudar a costurar o texto. Resultado de uma vivência com um grupo amoroso, integrado, único.²

² A entrevista na íntegra pode ser obtida: **Revista Direcional educador**, v. 7, n. 77, jun. 2011.